

## REFLEXÕES SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Olga Maria de Araújo Soares <sup>1</sup>  
Maria Aparecida dos Santos <sup>2</sup>

### RESUMO

Esse trabalho trata-se de um relato de experiência de duas professoras que atuam na Educação Infantil, cujo objetivo foi descrever e refletir sobre a inclusão de crianças com deficiência na instituição regular de ensino. Tanto para a realização desse trabalho quanto para auxiliar na prática pedagógica, foram utilizados textos e artigos científicos retirados de livros e/ou da internet cujo tema tinha relação com a educação inclusiva. Constatamos que a inquietação causada quando há crianças com deficiência na instituição foi um ponto inicial para rever estratégias de como desenvolver habilidades e incentivar as possibilidades desses sujeitos nas atividades escolares juntamente com as outras crianças. Como resultado, percebemos a real necessidade da reflexão da prática pedagógica e de sair da zona de conforto em busca de novas alternativas para que aconteça uma verdadeira inclusão na escola.

**Palavras-chave:** Relato, Educação Infantil, Inclusão escolar.

### INTRODUÇÃO

A inclusão escolar vai muito além de inserir o sujeito com deficiência na escola regular e por isso a importância de se diferenciar os termos inclusão e integração. Como afirma Montoan (2003) a integração escolar refere-se à inserção dos sujeitos com deficiência nas escolas regulares. Já a inclusão considera as necessidades de todos os alunos, ocorrendo uma organização do sistema educacional estruturado a partir dessas necessidades. Dessa maneira, na inclusão escolar, as crianças não são preparadas para irem à escola regular pois é a instituição de ensino que precisa se modificar profundamente adequando recursos humanos, técnicos e físicos para atender os sujeitos. Diferentemente, na integração nem todas as crianças estariam “aptas” a participarem com todos(as) e dessa maneira, elas teriam que se adaptar para conseguir estar junto com os demais.

---

<sup>1</sup> Graduada em Educação Infantil, mestre em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, olga.soares@ufv.br

<sup>2</sup> Graduada pelo Curso de Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), masantos@ufv.br

Para incluir verdadeiramente as crianças com deficiência na escolar regular é preciso que os professores compreendam que as diferenças estão em todos os lugares e em todos os sujeitos. Assim, não há como generalizar as deficiências: uma criança com síndrome de down por exemplo, vai ter capacidades e necessidades diferentemente de outra criança, da mesma idade e com a mesma síndrome. Isso ocorre também com as crianças sem deficiência: elas não têm todas o mesmo ritmo de desenvolvimento e aprendizagem: cada sujeito tem suas singularidades: é do ser humano. Sendo assim, além das singularidades de cada sujeito, com ou sem deficiência, o próprio processo de aprendizagem também é complexo e individual:

“Por muito tempo, o tratamento destinado a esses alunos tinha como objetivo sua adaptação, numa tentativa explícita de “normalização da deficiência” (como se isso fosse possível), numa total negligência para com a singularidade e complexidade do processo de construção de conhecimento” (ALVES; BARBOSA, 2006, p.17).

O objetivo desse relato é apresentar as experiências vivenciadas por duas professoras que atuam na pré-escola e que tem e/ou tiveram crianças com deficiência em sala, a fim de levantar reflexões acerca do trabalho pedagógico numa perspectiva da inclusão escolar, acreditando que esse processo pode beneficiar todos os envolvidos. Assim:

“Constata-se que ocorrem aprendizagem e desenvolvimento por meio da participação em ambientes mais desenvolvidos e esse tem sido um dos principais argumentos utilizados para apoiar programas inclusivos na Educação Infantil. Ambientes inclusivos podem favorecer o desenvolvimento das crianças por oferecer um meio mais estimulador (cognitivamente, socialmente e linguisticamente) do que ambientes segregados” (MENDES, 2010, p.58).

Parece ser difícil pensar num ambiente inclusivo e realmente acreditamos que não é fácil pois muitas vezes temos a impressão de que mesmo sabendo que todas as crianças são diferentes, quando temos a consciência de que em nossa turma terá alguma criança com deficiência, parece haver um bloqueio, um medo em recebê-la. Por esse motivo, torna-se importante pensarmos nossa prática enquanto professores (as) pensando na urgência de respeitar as singularidades e especificidade de cada indivíduo no ambiente escolar.

## **METODOLOGIA**

Esse trabalho foi construído a partir das experiências práticas de duas professoras do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) da Universidade Federal de Viçosa que atuam na educação infantil, mais especificamente na pré-escola e que têm ou já tiveram crianças com deficiência em suas turmas.

As deficiências diagnosticadas foram autismo e síndrome de down. Porém, as experiências foram além das turmas das professoras: a instituição também tem matriculadas outras crianças com deficiência em outras turmas e essas crianças se encontram num determinado momento da rotina (área externa).

Tanto para a realização desse trabalho quanto para auxiliar na prática pedagógica, foram utilizados textos e artigos científicos retirados de livros e/ou da internet cujo tema tinha relação com a educação inclusiva. No momento de planejar as atividades da semana, as professoras discutiam sobre as atividades desenvolvidas na semana anterior, avaliando-as e pensando em como utilizar os brinquedos e jogos da instituição em benefícios a todas as crianças.

## **DESENVOLVIMENTO**

Pensar sobre a inclusão escolar pode envolver vários sentimentos: medo, preocupação, ansiedade, expectativa, curiosidade, dúvidas...e foi a partir desses sentimentos que nos propusemos a pensar juntas questões referentes à inclusão escolar na educação infantil: “O não saber como fazer e a imprevisibilidade dos resultados talvez seja o grande ganho desse processo pois é no não saber que buscamos novos conhecimentos e criamos novas alternativas que poderão ou não atender as necessidades” (ALVES; BARBOSA, 2006, p.18).

E de fato, foi isso o que nos ocorreu. Inicialmente, mesmo sabendo que não há receitas no trabalho com crianças com deficiência (e sem deficiência), houve um desejo por ter todas as dúvidas e curiosidades respondidas rapidamente e de forma clara, objetiva e certa. Porém, na prática pedagógica não é assim que acontece. É preciso se propor e dedicar a pensar a inclusão como um longo processo tanto individual quanto coletivo que é construído durante as atividades e interações com esses sujeitos. Deve-se considerar as singularidades e complexidades dos sujeitos e da própria construção do conhecimento como bem coloca Alves e Barbosa (2006).

Dessa maneira, buscamos apoio teórico para além daqueles que já tínhamos, participamos de discussões em um grupo de estudo oferecido pela própria instituição e buscamos textos no sentido de orientar nossa prática especificamente com relação à inclusão escolar na educação infantil. Assim, compreendemos que na escola inclusiva, é importante considerar “os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem” e assim, o (a) professor (a) considera a criança (seja ela deficiente ou não) como prioridade na instituição (ALVES; BARBOSA, 2006).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da tomada de consciência da importância da nossa prática para o processo de inclusão, repensamos inicialmente em algumas questões como o planejamento das atividades assim como dos jogos, brinquedos e brincadeiras que poderiam ser desenvolvidas pensando em todas as crianças, respeitando as necessidades e particularidades de cada sujeito.

“A mudança de atitudes frente à diferença, com a consequente necessidade de repensar o trabalho desenvolvido nas escolas é, a meu ver, uma barreira de complexa natureza, mais trabalhosa para ser removida, pois se trata de um movimento de dentro para fora e isto leva tempo” (CARVALHO, 2006, p.122). Concordamos com a autora e justificamos que o caminho que trilhamos até o momento é lento e inicial, sendo necessário muitas reflexões e construções a partir de então para oferecer a todas as crianças um ambiente verdadeiramente inclusivo. “A condição da educação inclusiva, no âmago da sua contradição, ao se apresentar de um modo desafiador tira-nos de um lugar de conforto, nos faz questionar sobre o papel da escola, instigando-nos no sentido da abertura de novas condições sociais e educacionais” (MONTEIRO;FREITAS; CAMARGO, 2014, p. 79).

E foi durante nossas discussões, observações e durante nossa prática que percebemos que o nosso trabalho mesmo antes de receber as crianças com deficiência, já considerava cada criança como um ser único, com suas dificuldades mas também possibilidades! Cada turma tem suas características assim como cada criança é única com suas próprias habilidades, dificuldades e possibilidades. O que deveríamos pensar então é dar a oportunidade para todas as crianças construirem seus conhecimentos, cada um em seu ritmo, pensando sempre numa proposta coletiva de atividades.

Percebemos que as crianças ajudam umas às outras durante as brincadeiras e jogos quando percebem que uma ou outra, com ou sem deficiência, estão com dificuldade. Durante a brincadeira “pega-pega”, a criança com deficiência ficava correndo sem o objetivo de pegar ninguém. Foi então que outra criança, percebendo a dificuldade da colega, parou, olhou para ela e explicou que ela teria que ir atrás da criança que a professora falava o nome. A criança que deveria ser “pega” sinalizava para aquela com deficiência, dizendo “sou eu, sou eu, me pega, me pega”. E assim a brincadeira contou com a participação efetiva de todas as crianças.

Ouvir as crianças e, aqui o ouvir não significa somente escutar mas sim, ir além: perceber, estar atenta e considerar as múltiplas formas de expressão que elas possuem, nos ajudou a pensar em estratégias para que todas as crianças pudessem ser contempladas atendendo

assim a diversidade na sala de aula. Assim tivemos uma atenção maior para conhecer a criança com deficiência e como ela interagia com os outros colegas e como os outros colegas interagiam com ela.

Ouvir é considerar, refletir sobre. “ As vozes das crianças acerca de cada um dos aspectos implicados nas suas experiências em creches e pré-escolas (as relações, as instalações e os materiais, as práticas pedagógicas etc.) são ingredientes não só importantes, mas necessários no processo de construção da qualidade na Educação Infantil” e acrescentamos à fala da autora, na construção da qualidade na inclusão de crianças com deficiência na escola regular (CRUZ, 2008, p.15).

Essa escuta atenta nos mostrou também que a música é um instrumento poderoso para a aprendizagem de todas as crianças. As melodias, brincadeiras utilizando som e o corpo e as histórias cantadas foram capazes de aproximar todas as crianças, permitindo uma forma de comunicação por meio das músicas. Durante a roda, a criança com deficiência iniciou sua comunicação com uma música que havíamos aprendido nas semanas anteriores. A partir daí, cada criança teve a oportunidade de escolher uma canção para dar “boas vindas” às outras crianças da sala.

O diálogo com as famílias das crianças com deficiência também foi de fundamental importância para um trabalho em equipe: elas trouxeram informações valiosas com relação aos filhos e como era a rotina em casa, como a criança com deficiência se relacionava com outras pessoas fora do ambiente escolar, o que gostavam ou não de fazer. Todas essas informações foram ponderadas para nossa prática com as crianças. O que percebemos é que talvez, teríamos que ser mais criativas ao planejar as atividades considerando todas as crianças participantes.

Mendes (2010) analisou vários estudos e constatou que a participação da criança com deficiência no ambiente escolar dependerá das atividades específicas que o professor propõe e intervém. “Assim, os professores precisam considerar que a deficiência é apenas mais uma das características que compõem a diversidade na escola”(p.57). Então como realizar as atividades com as crianças? Deveríamos propor uma atividade diferente para as crianças com deficiência? E assim continuamos nossas reflexões: como planejar e desenvolver as atividades, ampliando nossa visão para além da deficiência e considerando as particularidades de todas as crianças, com ou sem deficiência?

Começamos a repensar a nossa prática e como bem afirma Alves e Barbosa (2006, p.23) “a cada dia se constata uma crescente necessidade de se identificar e remover novas barreiras. Inevitavelmente, refletir sobre estas práticas é condição essencial para

continuarmos avançando”. Foi um grande desafio pois o que ocorre muitas vezes é a tentativa de normalizar a deficiência, não considerando as singularidades e complexidade dos sujeitos e da própria construção do conhecimento ( ALVES; BARBOSA, 2006).

Observamos porém, que as crianças sem deficiências, estavam a todo momento dispostas a incluir as crianças com deficiência: chamam para brincar, intervêm durante as brincadeiras e atividades, propõem novas formas de brincar que até então pareciam improváveis para aquelas com deficiência. Nesse sentido, “ criar espaços de prazer, de ludicidade, de irreverência, de expressão e, nele e através dele, propor conversas, provocar situações, instigar questões...Assim vamos descortinando as falas, vamos retirando seus véus bebulosos, vamos conhecendo as crianças em seus modos de ser e agir. Entre elas, no mundo e conosco” (CRUZ, 2008, p.131).

É preciso pensar: “na criança como um campo fértil para instigar e desenvolver, considerá-la como um ser social que tem muito a nos ensinar, que nos dá pistas a cada segundo de sua especificidade, ao mesmo tempo, de sua multiplicidade, nos convida a tomar distância para refletir sobre nossas ações para entender o vai-e-vem imprevisível de suas vontades...” (GONÇALVES; ANTONIO, 2007, p.20).

A partir daí conseguimos ampliar as possibilidades de participação das crianças com deficiência na rotina da instituição. Assim, por meio das brincadeiras as crianças com ou sem deficiência constroem seus conhecimentos acerca do mundo físico e também social. Assim:

“o brincar dá a toda criança a capacidade de desenvolver-se, pois produz novas experiências ao manuseá-lo e através dele também pode inventar novas brincadeiras. Além disso, ajuda a criança a estimular a sua curiosidade e desenvolver o seu pensamento. Brincar é essencial para qualquer criança, pois lhe trás benefícios indispensáveis à sua saúde física, emocional e intelectual (RIBEIRO, 2009, p. 37).

Em nosso trabalho pedagógico, utilizamos as atividades lúdicas na perspectiva de que é brincando que as crianças constroem o conhecimento de forma significativa e prazerosa. Além disso, consideramos as múltiplas linguagens das crianças, que vai muito além da linguagem escrita ou verbal por exemplo. Como afirma Gonçalves e Antonio (2007, p.2) “A linguagem permeia o trabalho na educação infantil, junto com a brincadeira e a interação, constitui os eixos da ação pedagógica junto às crianças”.

As atitudes dos educadores são essenciais para o sucesso da inserção de uma criança com deficiência na escola pois dela vai depender posteriormente a aceitação da criança pelo grupo, que irá se manifestar por meio de intercâmbios sociais positivos (MENDES, 2010).

“Nessa escola inclusiva e includente-que promove a integração dos aprendizes e os fazem sentirem-se felizes e pertencentes a um grupo- os alunos falam, movimentam-se, questionam, trazem a vida para dentro da escola. E os professores dela participam, transformando o processo de ensino-aprendizagem numa construção de conhecimentos coletiva e agradável. Todo esse movimento contribui para a melhoria da qualidade da resposta educativa das escolas e também para o desenvolvimento de habilidades e competências dos educadores e dos alunos”( CARVALHO, 2006, p163).

Percebemos portanto, a importância de estarmos atentas as nossas atitudes para que possamos orientar,intervir e incentivar as crianças com defiência a fim de que elas sejam felizes no ambiente que elas estão e que possamos ajudá-las sem super protegê-las ou subestimá-las.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que a “pertubação” causada quando há crianças com deficiência na instituição foi um ponta pé inicial para rever estratégias de como desenvolver habilidades e incentivar as possibilidades desses sujeitos nas atividades escolares. A busca por novas descobertas nos fez (e ainda faz) descobrir e redescobrir novas perspectivas acerca do nosso trabalho a fim de que todas as crianças possam cosntruir seus conhecimentos de forma ativa, considerando as potencialidades de cada uma e não só as limitações apresentadas.

Começamos a perceber que uma mesma atividade pode ser desenvolvida de outras várias formas ampliando as possibilidades tanto para as crianças sem deficiênci, quanto para as crianças com deficiência, como contar histórias cantadas e contruções com legos de diferentes tamanhos ( e não um tipo de lego só). Para além disso, as crianças sem deficiência puderam interagir de outras formas a partir de jogos e/ou brincadeiras que elas já conheciam e as crianças com deficiência puderem brincar junto com as crianças de sua turma, de maneira colaborativa.

Em vários momentos também, percebe

Além disso, começamos a ficar atentas até mesmo em nossas falas, olhares e atitudes com realção às crianças com deficiência pois muitas vezes o preconceito aparece de forma

velada e não percebemos em nosso dia a dia. Em muitos momentos nos esquecemos que o preconceito está também em nós mesmos e não somente no outro.

Podemos perceber a importância do trabalho individual e coletivo dos professores(as) quando se pensa na inclusão escolar de crianças com deficiência. Foi necessário trocar experiências, mudar a prática educativa e compreender que a diversidade está não só naqueles sujeitos com deficiência, mas em todas as crianças, com e sem deficiência.

Trocamos experiências com outros profissionais de outras áreas como psicólogos, profissionais que trabalham na APAE, escutamos as famílias das crianças com deficiência e o que eles tinham a dizer sobre seus filhos, e com outras professoras que também têm inquietações com relação à inclusão escolar.

Não há uma receita pronta de como trabalhar com crianças com deficiência numa instituição escolar regular mas sim, possibilidades de reflexões e construções a partir da prática de duas professoras dispostas a considerar todas as crianças protagonistas da construção de seus conhecimentos, sejam elas crianças com ou sem deficiência. Não é simples e muito menos fácil porém é urgente e necessário! É um desafio. “É um exercício de olhar para dentro de si, de repensar enquanto profissional...ser eterno aprendiz” (ALVES; BARBOSA, 2006). Percebemos a necessidade de reflexões constantes ao longo de todo o caminho da prática pedagógica.

Por fim, percebemos o quanto rico foi repensar nossa prática enquanto professoras que acreditam na inclusão escolar. Essas foram nossas primeiras reflexões sendo necessária ainda outras leituras teóricas, outras discussões e muitas intervenções para continuarmos pensando na diversidade, envolvendo todos da instituição escolar. Por ser uma construção, esse caminho é longo mas necessário para avançarmos cada vez mais na formação de uma escola inclusiva.

## REFERÊNCIAS

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** 4aed. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

CARVALHO, Rosita Elder. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”** 4aed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

LEITE, M.I. Espaços de narrativa: onde o eu e o outro marcam encontro. In: CRUZ, Silva Helena Vieira (Org.). **A criança fala a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

GONÇALVES, Cristiane Januário; ANTONIO, Débora Andrade; . As múltiplas linguagens no cotidiano das crianças. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 9, n. 16, p. 85-108, dez. 2007. ISSN



1980-4512. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/853>>. Acesso em: 2 ago. 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>.

MENDES, E.G. **Inclusão Marco Zero começando pelas creches**. São Paulo: Junqueira&Marin, 2010.

DAINEZ, D. A formação da criança com deficiência intelectual nas condições da educação inclusiva: algumas considerações. In: MONTEIRO, M. I. B; FREITAS, A.P de; CAMARGO, E. A. A. (Orgs). **Relações de Ensino na Perspectiva Inclusiva: alunos e professores no contexto escolar**. São Paulo: Junqueira&Marin, 2014.

ALVES, Denise de Oliveira; BARBOSA, Kátia Aparecida Marrancon. Experiências Educacionais inclusivas: Refletindo sobre o cotidiano escolar. In: ROTH, Berenice Weissheimer. Experiências Educacionais inclusivas: Programa Educação Inclusiva: Direito à diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.